



fale!

LAURIE HALSE ANDERSON

“Um olhar cortante, sem filtros, um grito de alerta sobre a crueldade e a violência que permeiam o cotidiano escolar. Emocionante e inesquecível.”

Kirkus

valentina 

FINALISTA
National Book Award

HONRA AO MÉRITO
The Michael L. Printz Award for Excellence in Young Adult
Literature (www.ala.org/yalsa/printz)

FINALISTA
Edgar Allan Poe Award

FINALISTA
Los Angeles Times Book Prize

VENCEDOR
SCBWI Golden Kite Award (Associação Americana dos Autores
e Ilustradores de Livros Infantis)

10 Melhores Livros do Ano para Jovens Adultos da Associação
Americana de Bibliotecas (ALA)

Booklist — 10 Melhores Romances do Ano

Publishers Weekly — Best-seller e Melhores Romances do Ano

BCCB Blue Ribbon Book

School Library Journal — Melhor Livro do Ano

Horn Book Fanfare Title

New York Times Best-seller

Vencedor de 8 concursos literários estaduais
e finalista de 11 nos EUA.

LAURIE HALSE ANDERSON

FALE!

Tradução
Flávia Carneiro Anderson


valentina

Rio de Janeiro, 2013

1ª Edição

PRIMEIRA AVALIAÇÃO



BEM-VINDO AO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO MERRYWEATHER

É o meu primeiro dia no ensino médio. Estou com sete cadernos novos, uma saia ridícula e dor de barriga.

O ônibus para, chiando, na minha esquina. A porta abre, e eu subo. Sou a primeira que ele pega no dia. O motorista se afasta da calçada, comigo ainda parada no corredor. Onde é que eu vou me sentar? Nunca fui como a galera bagunceira que fica lá no fundo. Se eu for para o meio, um estranho pode vir sentar do meu lado. E lá para a frente, vai parecer que sou uma criancinha, mas acho que é a melhor forma de conseguir olhar nos olhos de uma das minhas amigas, se é que alguma delas resolveu parar de me dar gelo.

O transporte pega os alunos em grupos de quatro ou cinco. À medida que a galera passa pelo corredor, os que fizeram ginástica ou aulas de laboratório comigo, no ensino fundamental, ficam me encarando. Fecho os olhos. Era isso o que eu temia. Quando finalmente entra o último aluno, sou a única sentada sozinha.

O motorista reduz a velocidade para o ônibus subir com esforço as ladeiras. O motor solta um estalido, que leva os caras lá do fundo a gritarem uns troços obscenos. Alguém passou colônia demais. Eu tento abrir a janela, mas o trinco está emperrado. Um garoto atrás de mim desembrolha o café da manhã e joga

o papel atrás da minha cabeça, daí o embrulho cai no meu colo — migalhas de bolinho.

A gente passa pelos funcionários da manutenção, que estão pintando a placa na frente do colégio. Como o conselho escolar concluiu que “Ensino Médio do Colégio Merryweather – Sede dos Troianos”^{*} não transmitia com a devida veemência a mensagem da abstinência, acabaram nos transformando nos Diabos Azuis. Melhor encarar um demônio conhecido do que uma camisinha desconhecida, eu acho. Mas as cores da escola vão continuar sendo preto e roxo. O conselho não estava a fim de comprar uniformes novos.

Os alunos mais velhos podem ficar perambulando até o sinal tocar, mas os do primeiro ano são conduzidos como rebanho até o auditório. A gente se divide em tribos: Atletas, Clubbers, Pseudointelectuais, Cheerleaders, Lixo Humano, Euro-ralé, Futuros Fascistas Americanos, Minas Cabeludas, as Marthas, Artistas em Crise, Jovens Atores, Góticos, Esportistas Radicais. Eu não pertença a nenhuma. Desperdicei as últimas semanas de férias vendo desenhos idiotas. Não fui para o shopping, nem para o lago, nem para a piscina, nem atendi ao telefone. Entrei no ensino médio com o corte de cabelo errado, as roupas erradas, a atitude errada. E não tenho ninguém com quem possa me sentar.

Sou Excluída.

Não faz a menor diferença procurar as minhas ex-amigas. A nossa tribo, as Basiconas, se fragmentou e os cacos estão sendo

^{*}Trojan (troiano), nos EUA, também é o nome de uma famosa marca de camisinha. (N.T.)

recolhidos pelas facções rivais. A Nicole passa o tempo com os Atletas, comparando as cicatrizes conquistadas nos torneios de verão. A Ivy oscila entre os Artistas em Crise, de um lado do corredor, e os Jovens Atores, do outro. Tem bastante personalidade para circular entre as duas galeras. A Jessica se mudou para Nevada. Não chegou a ser uma perda. Era mais amiga da Ivy, de qualquer forma.

A galera atrás de mim solta uma gargalhada tão estridente que eu sei que está rindo de mim. Aí, não resisto. Acabo me virando. É a Rachel, cercada de um bando de garotos usando roupas que, com certeza, não são do shopping da Zona Leste. Rachel Bruin, minha ex-melhor amiga. Ela olha fixamente para um ponto acima da minha orelha esquerda. As palavras sobem pela minha garganta. Essa foi a garota que teve que aguentar as atividades de escoteira comigo, que me ensinou a nadar, que entendeu a questão dos meus pais, que não ficou debochando do meu quarto. Se tem alguém na galáxia inteira para quem eu estou louca para contar o que realmente aconteceu, é a Rachel. A minha garganta está pegando fogo.

Ela me olha por alguns instantes. Diz com os lábios, em silêncio: “Eu te odeio.” Então, vira as costas e ri com os amigos. Mordo o lábio. Não vou ficar pensando nisso. Foi péssimo, mas já acabou, e não vou ficar pensando nisso. Meu lábio sangra um pouco. Sinto gosto de ferrugem. Preciso me sentar.

Fico parada no corredor central do auditório, como uma zebra ferida de um documentário do *National Geographic*, procurando alguém, qualquer pessoa, para me sentar ao lado. Um predador se aproxima: cabelos grisalhos, corte estilo militar e

apito pendurado no pescoço mais grosso que a cabeça. Na certa um professor de estudos sociais, contratado para ser o técnico de um esporte sangrento.

Mister Pescoço: — Sente-se.

Puxo uma cadeira. Outra zebra ferida se vira e sorri para mim. Está com pelo menos umas cinco mil pratas investidas num aparelho ortodôntico, mas usa uns sapatos legais. — Sou a Heather, de Ohio — diz. — Sou nova aqui. Você, também? — Nem tenho tempo de responder. O ambiente começa a escurecer, aí dão início à doutrinação.

AS DEZ PRIMEIRAS MENTIRAS CONTADAS NO ENSINO MÉDIO

1. Estamos aqui para ajudá-los.
2. Vocês terão tempo suficiente para chegar à sala antes que o sinal toque.
3. As normas de vestir serão fiscalizadas.
4. É proibido fumar nas dependências do colégio.
5. Este ano o nosso time de futebol americano vai ganhar o campeonato.
6. Esperamos mais de vocês aqui.
7. Os orientadores educacionais estão sempre dispostos a escutá-los.
8. A grade de horário foi planejada com base nas suas necessidades.
9. A combinação dos cadeados é secreta.
10. Vocês sentirão saudade do tempo passado aqui conosco.

A minha primeira aula é de biologia. Não consigo encontrar a sala e ganho a primeira advertência por ficar perambulando no corredor. São 8:50 da manhã. Só faltam 7 tempos de aula e 699 dias para a formatura.

OS NOSSOS PROFESSORES SÃO OS MELHORES...

A minha professora de inglês é uma mulher sem rosto. Seu cabelo, fino e despenteado, bate nos ombros. Da raiz até as orelhas é preto, e daí até as pontas frisadas, laranja-cheguei. Difícil decidir se o cabeleireiro está pê da vida com ela ou se está se transmutando numa borboleta monarca. Eu a chamo de Dona Juba.

A Dona Juba perde uns vinte minutos fazendo a chamada, já que não enxerga a gente. Inclina a cabeça sobre a mesa, o que faz com que os seus cabelos caiam no rosto. Passa o resto da aula escrevendo no quadro-negro e explicando, virada para a bandeira, o que é preciso ler. Quer que a gente escreva no diário de classe todo dia, mas promete que não vai ler. Eu escrevo comentando como ela é esquisitona.

A gente tem diário na aula de estudos sociais, também. O colégio deve ter conseguido um bom preço nesses diários. Estamos estudando história dos EUA pela nona vez em nove anos. Vamos ter outra recapitulação sobre leitura de mapas, uma semana de estudo sobre os ameríndios e, em seguida, veremos Cristóvão Colombo um pouco antes do Dia do Descobrimento da América e os Peregrinos um pouco antes do Dia de Ação

de Graças. Todo ano dizem que vamos chegar à atualidade, mas sempre empacamos na Revolução Industrial. Na sétima série, a gente conseguiu ir até a Primeira Guerra Mundial — quem diria que teve uma guerra entre o mundo inteiro? Precisaríamos de mais feriados para que o professor de estudos sociais conseguisse seguir o cronograma.

O meu professor de estudos sociais é o Mister Pescoço, o mesmo que me mandou sentar no auditório. Ele se lembra carinhosamente de mim. — Estou de olho em você. Fileira da frente.

Também gostei de te rever. Aposto que sofre de transtorno de estresse pós-traumático. Vietnã ou Iraque — uma dessas duas guerras da TV.

CENTRO DAS ATENÇÕES

Encontro o meu armário depois da aula de estudos sociais. O cadeado estava meio travado, mas abriu. Mergulho na correnteira do rio de alunos que almoçam no quarto tempo e nado pelo corredor até o refeitório.

Sei muito bem que é melhor não trazer comida de casa no primeiro dia de aula no ensino médio. Sabe-se lá qual é a maneira mais aceitável. Sacos de papel pardo — um simples indício de quem mora nos bairros residenciais elegantes ou um treco totalmente nerd? Lancheiras térmicas — um jeito legal de salvar o planeta ou sinal de uma mãe superprotetora? Comprar é a única solução. E me dá tempo de sondar o refeitório em busca de um rostinho amigo ou de um cantinho imperceptível.

O prato quente é peru com purê de batata instantâneo, servido com molho, uma verdura viscosa e um cookie. Não sei bem como pedir outra coisa, daí simplesmente deslizo a bandeja pelo balcão e deixo que os serventes autômatos encham o meu prato. O aluno do último ano, de dois metros e meio, na minha frente, ganha três cheeseburgers, batata frita e dois bolinhos, sem dizer uma única palavra. Sabe-se lá, de repente o cara passa algum tipo de código Morse só com os olhos. Preciso pesquisar isso melhor. Sigo o Girafa até as mesas.

Vejo algumas amigas — pelo menos, eu achava que eram —, mas elas desviam os olhos. Pense rápido, pense rápido. Lá está aquela garota nova, Heather, lendo perto da janela. Eu podia me sentar na frente dela. Ou ir rastejando até a parte de trás da lata de lixo. Ou quem sabe jogar o meu almoço fora e rumar direto para a saída.

O Girafa acena, desengonçado, para os amigos sentados a uma mesa. Claro. O time de basquete. Vão xingá-lo — uma saudação esquisita usada pelos atletas espinhentos. Ele sorri e joga um bolinho. Tento contornar o cara.

Plaft! Uma massa de batata ao molho me atinge no meio dos peitos. A conversa para totalmente enquanto todo mundo no refeitório fica olhando, boquiaberto, e os detalhes do meu rosto incandescente vão queimando aquelas retinas. Vou ser conhecida para sempre como “a garota que tomou um banho de purê no primeiro dia”. O Girafa pede desculpas e faz um comentário qualquer, mas quatrocentas pessoas caem na gargalhada, impossível fazer leitura labial. Jogo a minha comida fora e me dirijo a toda velocidade para a saída.

Minha fuga é tão rápida, que se o técnico de atletismo estivesse ali me observando, teria me escalado para o time. Mas não, é o Mister Pescoço que está tomando conta do refeitório. E garotas que correm cem metros em menos de dez segundos não têm a menor utilidade para ele, a menos que quisessem fazer isso com uma bola de futebol americano embaixo do braço.

Mister Pescoço: — E nos encontramos outra vez.

Eu:

Será que ele daria ouvidos ao “Preciso ir para casa trocar de roupa” ou “Viu só o que aquele mané fez?”. De jeito nenhum. Fico de boca calada.

Mister Pescoço: — Aonde é que a senhorita pensa que vai?

Eu:

É mais fácil não dizer nada. Fechar a matraca, passar o zíper, calar o bico. Toda aquela babaquice que você escuta na TV sobre se comunicar e expressar o que sente não passa de uma mentira. Ninguém quer realmente ouvir o que você tem a dizer.

O Mister Pescoço anota algo na caderneta. — Eu sabia que você arranjaria encrenca assim que a vi. Dou aula aqui há vinte e quatro anos e consigo captar o que passa na cabeça de um aluno só de olhá-lo nos olhos. Chega de aviso. Você acaba de ganhar uma advertência por perambular pelo corredor sem autorização.